



Cristãos no século 21

Os dilemas e oportunidades da época atual

LEANDRO LIMA



© Leandro Lima

Projeto gráfico
Meios Comunicação

Revisão
Adély Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

L732c Lima, Leandro Antonio de, 1975-
Cristãos no século 21: os dilemas e oportunidades da época atual / Leandro Lima.
- São Paulo: 2015.
v.1.

Inclui referências.
ISBN: 978-85-99704-18-9

1. CRISTIANISMO E OUTRAS RELIGIÕES - ROMANA. 2. ATEUS-ASPECTOS RELIGIOSOS. 3. RELIGIÕES - DOCTRINAS E CONTROVÉRSIAS. 4. IGREJA E PROBLEMAS SOCIAIS. 5. MISTICISMO. 6. PRAGMATISMO. 7. RELIGIÃO - FILOSOFIA. 8. BÍBLIA - COMENTÁRIOS. 9. BÍBLIA - CITAÇÕES. 10. PÓS-MODERNISMO - ASPECTOS RELIGIOSOS. I.Título.

PeR – BPE 12-002

CDU261
CDD 261.22

2015
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Editora Agathos, Ltda
www.grandesdoutrinas.com.br



SUMÁRIO

Volume 1

- 1 O CONFUSO MUNDO ATUAL 5
- 2 A DIFÍCIL VIDA DE UM ATEU 10
- 3 PESSIMISMO DESNECESSÁRIO 16
- 4 DEVEMOS ESPERAR UM MUNDO MELHOR? 22
- 5 O ABALO DOS PILARES DA MODERNIDADE (PARTE 1) 28
- 6 O ABALO DOS PILARES DA MODERNIDADE (PARTE 2) 35
- 7 A CIDADE DOS HOMENS 42
- 8 A CIDADE DE DEUS 48
- 9 O VELHO E SEMPRE NOVO PAGANISMO 55
- 10 A MAIOR AMEAÇA PAGÃ 63
- 11 A INVASÃO DO MISTICISMO NA IGREJA 69
- 12 IGREJA INSATISFEITA COM CRISTO 75
- 13 O PODER DESTRUIDOR DO PRAGMATISMO 83
- 14 A FÉ É PRÁTICA SEM SER PRAGMÁTICA 90
- 15 ÉTICA EM TEMPOS DE RELATIVISMO 95
- 16 O PERIGO DO RADICALISMO (PARTE 1) 102
- 17 O PERIGO DO RADICALISMO (PARTE 2) 109
- 18 BELEZA EFÊMERA 116

Bibliografia 123





1

O CONFUSO MUNDO ATUAL

Mt 16.1-4

INTRODUÇÃO

Dois homens conversavam num avião. Um deles, um cineasta, se reconhecia como uma pessoa pós-moderna. O outro, um cristão evangélico, pediu que o homem explicasse o que significava ser “pós-moderno”. O cineasta respondeu: “É não ter preconceitos, é aceitar que todos possuem um pouco de verdade, é ter a mente aberta para aceitar o diferente”. O cristão agradeceu pela resposta e antes de sair do avião ofereceu ao cineasta um pequeno exemplar de um plano de salvação. O cineasta fez uma cara esquisita e perguntou:

“Isso é coisa de evangélico?”

“É sim”, o evangélico respondeu.

“Obrigado, eu não quero”, o cineasta respondeu, “dê para outra pessoa”.

O evangélico ficou surpreso:

“Mas você não disse que ser pós-moderno é não ter preconceito?”

ENTENDENDO OS TEMPOS

O mundo, a sociedade e a cultura são organismos dinâmicos que estão em constante mudança, adaptação e readaptação. Ideologias surgem, desaparecem, ressurgem, convivem mutuamente, contradizem-se, tornam-se dominantes, caem no esquecimento, e isso tudo com a mesma velocidade dos meios de comunicação modernos. Caso a igreja queira realizar uma obra eficaz de influência e transformação num mundo assim, ela precisa estar atenta para essas transformações. Essa foi uma das grandes funções dos profetas do Antigo Testamento. Eles não eram apenas homens de visão a respeito do futuro, mas também homens que enxergavam muito bem o presente. Esses homens tinham um olho em Deus e outro no mundo e, assim, conseguiam perceber as ações de Deus na História, o crescimento do mal dentro da sociedade e os principais desafios para o povo de Deus

O CONFUSO MUNDO ATUAL 5



daquele período. Embora nem sempre fossem aceitos pelos seus contemporâneos, puderam fazer uma obra de influência duradoura dentro de Israel.

Jesus repreendeu severamente os fariseus por seguirem um caminho oposto, pois eles demonstravam dificuldades em reconhecer o que chamou de “os sinais dos tempos” (Mt 16.3). Eles não conseguiam, ou talvez não quisessem, entender a situação de sua própria época. Eles estavam desatentos para reconhecer os sinais de Deus para aquela geração; estavam preocupados demais com seus afazeres e em manter a posição que haviam conquistado. Ao desconsiderar o que estava acontecendo em sua geração, eles se tornaram irrelevantes e um peso para as pessoas de seus dias. Tudo o que faziam era manter um esquema fixo de religião superficial que não atendia às verdadeiras necessidades das pessoas.

¹ John Stott, *Ouçã o espírito*, p. 246.

² Embora devêssemos preferir “pós-modernidade” ao invés de “pós-moderno” ou “pós-modernismo” para evitar mistura de conceitos. O termo “pós-modernismo” é mais aplicado à literatura, arquitetura e artes como estilo próprio. Pós-modernidade tem a ver com a época generalizada.

³ Antonio Cruz vê o desenvolvimento da ideologia pós-moderna ao longo do século 20: no vitalismo anti-intelectualista do começo do século, no existencialismo das décadas 30 a 50, na contracultura dos anos 60 e, finalmente, no atual estágio da pós-modernidade. (Ver Antonio Cruz, *Postmodernidad*, p. 50-52).

Esse é sempre o grande risco que a igreja enfrenta. Ela pode ficar tão concentrada nos seus problemas e tarefas internas que se esquece de que há um mundo lá fora, onde pessoas, seres humanos, estão gritando de angústia, vivendo sob o terrível peso da frustração, do ceticismo, do desespero e do conformismo. E, mesmo dentro de suas quatro paredes, há pessoas cheias de dúvidas, de agressões à fé, de corações endurecidos e com absoluta despreocupação espiritual. Quando a igreja se esquece de olhar para Deus e para o mundo, ela corre o risco, como diz Stott, de “responder perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde não há coceira alguma, prover bens para os quais não há nenhuma demanda”¹. Olhando para

a história da igreja, percebemos que os religiosos se ocuparam demasiadamente com essas tarefas.

Uma das razões pelas quais muitas igrejas históricas estão vazias em nossos dias não é só porque as pessoas se tornaram apaixonadas por modismos e invenções modernas, mas porque muitos púlpitos têm se tornado irrelevantes, e as pessoas estão cansadas de ouvir coisas irrelevantes. De muitos púlpitos o que se ouve são mensagens excessivamente técnicas, destituídas de vida, piedade e aplicação prática, num terrível distanciamento do mundo e de Deus. O radicalismo, seja ele de caráter liberal, carismático ou tradicional, é sempre um pálido substituto da ação de Deus na História.

MODERNO OU PÓS-MODERNO?

Ouvimos frequentemente que estamos vivendo numa sociedade pós-moderna e pós-cristã. Será que estamos realmente numa sociedade pós-moderna? Então, isso significa que o moderno não existe mais? Embora utilizemos o termo “pós-modernismo”² nestes estudos, é preciso entender a limitação dele. Não é possível, com o termo em si, por exemplo, definir a data e o sentido exato de um acontecimento³. O mundo pós-moderno, de certo modo, ainda é um mundo “moderno”, até porque há muito da filosofia do modernismo atuando hoje. Ou seja, são mundos que se sobrepõem, ou interfaces que convivem. O fim da modernidade e o início da pós-modernidade são períodos sobrepostos e que, talvez, jamais deixem de se sobrepor. Como disse Jencks, o pós-



-modernismo tem uma filosofia e visão de mundo híbrida, misturada e dialeticamente envolvida com o modernismo⁴.

O caminho mais adequado, se quisermos tentar diferenciar “modernidade” de “pós-modernidade”, é entender as suas perspectivas a respeito da realidade. No mundo antigo (anterior ao moderno), a eloquência era o grande trunfo dos eruditos. Os filósofos se destacavam, porque tinham a autoridade e a habilidade de argumentar sobre as coisas. O mundo moderno rompeu com essa tradição dizendo: “Não me fale sobre algo, mostre-me”. Na essência do modernismo científico, a verdade não era aquilo a respeito do que se podia argumentar, nem aquilo baseado na autoridade de alguém, mas aquilo que se podia comprovar cientificamente. Por isso, os pensadores modernos rejeitaram a autoridade da igreja e dos filósofos antigos em troca das pesquisas experimentais da ciência. A pós-modernidade, por sua vez, desacreditou da razão, pois não a julgou mais capaz de chegar à verdade, até porque a pós-modernidade desacreditou da existência da própria verdade (pelo menos em termos absolutos). Assim, podemos diferenciar essas três visões do mundo como se três pessoas estivessem conversando. A pessoa “antiga” dirá: “Fale-me sobre isso, argumente”. A pessoa moderna dirá “Prove-me com algum experimento verificável”. E a pessoa pós-moderna dirá “É tudo inútil, não dá para ter certeza de nada, eu não estou interessado nisso, deixe-me viver a vida”. Por isso, a palavra chave para o modernismo é “epistemologia” (racional) enquanto que a palavra chave para o pós-modernismo é “ontologia”⁵. Certamente existem pesso-

as “pós-modernas” em nossos dias, mas é preciso que se entenda que ainda há pessoas “antigas” e “modernas” também. E talvez nenhuma totalmente pura, como a história acima nos mostrou.

Jean-François Lyotard⁶ pode ser indicado como o responsável pela introdução do termo “pós-moderno” na pesquisa acadêmica⁷. Entretanto, o termo já era conhecido desde a década de 30⁸. Ele designou mudanças na arte, na arquitetura e na literatura. Hoje, o termo se tornou comum e, embora extremamente discutido, é um conceito amplamente estabelecido, pelo menos como ponto de partida para discussões. Jameson diz que o sucesso da palavra “pós-modernismo” deveria ser escrito em forma de Best-seller, tal foi a capacidade do termo de aglutinar pensamentos e sentimentos⁹. MacGrath entende que o termo “oferece correta avaliação do tom cultural contemporâneo”¹⁰. Certamente a expressão mais famosa associada ao conceito de pós-modernidade é o relativismo. Ao longo deste livro, paulatinamente, desenvolveremos de forma aplicada os conceitos de pós-modernidade. Mas desde já, podemos deixar nossa impressão generalizada da situação: pós-modernidade é frequentemente uma atitude em relação à vida que, sob a capa de uma suposta tolerância e aceitação do “diferente”, esconde o velho orgulho e autonomia humanos.

Quanto ao termo “pós-cristão”, embora o aceitemos com reservas, é preciso entender que, para que a sociedade mundial fosse de fato pós-cristã, ela precisaria ter sido, em algum momento, cristã. Mas isso nunca aconteceu. Apesar de sempre te-

⁴ Charles Jencks, “What is Post-Modernism?”, p. 478.

⁵ Ver essas expressões e comparações em: David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 46.

⁶ A definição de Lyotard de pós-modernidade já é clássica: “Simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos” (*Condição pós-moderna*, p. xvi).

⁷ Ver Alister MacGrath, *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*, p. 137

⁸ Ver Margaret Rose, “Defining the post-modern”, p. 119-36.

⁹ Fredric Jameson, *Pós-modernismo*, p. 17.

¹⁰ Alister MacGrath, *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*, p. 137.



rem existido no mundo cristãos verdadeiros que influenciaram positivamente suas famílias, suas cidades e até mesmo suas gerações, este mundo jamais assimilou o verdadeiro Cristianismo. Todavia, ainda que o mundo nunca tenha sido realmente cristão, por bastante tempo o Cristianismo teve forte influência sobre ele, especialmente sobre o Ocidente. A moralidade cristã preponderou por muito tempo e conseguiu influenciar fortemente a cultura até a metade do século 20. De lá para cá, o Ocidente tem se libertado dessas influências e apregoadado novos valores, uma nova moralidade e uma nova religião, os quais são, geralmente, nada mais do que imoralidade, desvalorização do ser humano e, acima de tudo, paganismo. A cultura secular redescobriu no paganismo o seu verdadeiro habitat natural.

¹¹ É claro que não no mesmo sentido que a expressão é aplicada a Derrida, Foucault e outros. Na verdade, esse desconstrucionismo é tipicamente pós-moderno. Grenz diz: "os filósofos pós-modernos aplicaram as teorias do desconstrucionismo literário ao mundo como um todo" (Stanley J. Grenz, *Pós-modernismo*, p. 22).

¹² Mesmo que não fosse, não nos isentaria da responsabilidade de fazer isso.

A ATITUDE DA IGREJA

É importante entender as filosofias e as práticas que têm dominado a sociedade atual e influenciado a igreja cristã. Evidentemente, uma análise exaustiva de algo assim seria impossível, pois nem sempre conseguimos sequer acompanhar o dinamismo do tempo. Nossa busca é a de olhar para o mundo e ver o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, olhar para Deus, para sua Palavra, em busca de respostas ou orientações. A ideia não é só destruir o que se apresenta errôneo diante de nossos olhos, mas oferecer uma opção viável para uma vida significativa à luz da Palavra de Deus. Às vezes, os cristãos reformados são chamados de "desconstrucionistas"¹¹, pois têm grande facilidade em demolir as estruturas de pensamento que consideram erradas; porém, outras

vezes, são acusados de não construírem nada.

Precisamos construir uma fé resistente aos ataques do mundo moderno ou pós-moderno, mas não só isso, pois é possível construir uma fé que se torne ainda mais forte e relevante a partir desses ataques. O mundo de nossos dias, com toda a sua confusão, as suas contradições, os seus distúrbios e as suas hostilidades, ainda pode se configurar uma excelente oportunidade para a igreja realizar a obra de Deus e anunciar o evangelho eterno (Ap 14.6)¹².

Esse é o nosso grande desafio. Nosso objetivo aqui não é uma análise acadêmica da pós-modernidade, mas uma avaliação pastoral de seus fenômenos para uma melhor mobilização da igreja, ou talvez devessemos dizer, para seu melhor posicionamento, o qual Jesus disse que é sobre a mesa e não escondido debaixo dela (Ver Mt 5.15).

CONCLUSÃO

Permanece que Deus deixou, em cada época, sinais sobre os tempos e sobre as expectativas dEle próprio em relação aos homens. Entender a época em que vivemos é crucial para viver do modo que Deus deseja, pois o Todo-Poderoso quer que vejamos nos tempos em que vivemos as marcas deixadas por Ele. Diante da atual situação do mundo é possível discernir o "vermelho sombrio" que anuncia tempestades. Por outro lado, os cristãos sempre devem se lembrar do maior sinal que Cristo já deu para os homens: o sinal do túmulo vazio. Como Jonas, Ele ficou em-

A DIFÍCIL VIDA DE UM ATEU

Salmo 14.1–7

INTRODUÇÃO

Não é fácil ser um ateu nesse mundo. A frase acima pode parecer estranha, pois ouvimos falar de tantos ateus por aí, e eles geralmente são hostis à mensagem cristã, mas a grande verdade é que é difícil conseguir ser um ateu convicto. E a razão disso não está na discriminação que os ateus se dizem alvo, mas no esforço que alguém assim precisa fazer para se livrar da noção envolvente da existência de Deus.

O rei de Israel escreveu: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus” (Sl 14.1). Ou seja, o ateu precisa fazer um esforço de dizer para si mesmo que Deus não existe. Ele precisa fazer isso porque tudo à sua volta e também dentro de si grita de modo impossível de abafar que “Deus existe”!

TANTOS FILÓSOFOS, MAS CADÊ A VERDADE?

No mundo moderno, em que a tecnologia e a ciência conquistaram os maiores espaços, foi declarado que não havia lugar para as crenças em milagres divinos ou interferências sobrenaturais, nem para se acreditar nas velhas histórias da Bíblia. Tudo o que o homem tinha era sua própria capacidade de resolver seus problemas. Nesse sentido, Deus não era mais necessário, pois o sobrenatural não existia, ou se existia estava tão distante dos homens que certamente não podia ser alcançado.

Quando estudamos a história da filosofia, percebemos como o racionalismo trouxe o ceticismo e, por fim, gerou o agnosticismo, que pode ser definido como a impossibilidade de conhecer algo realisticamente.

Na Idade Média, o filósofo francês René Descartes (1596-1650) queria chegar



às ideias fundamentais das coisas e, para isso, criou um processo rigoroso de dúvida sistemática. Tudo o que fosse suscetível de dúvidas deveria ser rejeitado. Sua máxima era: “Penso, logo existo”. Essa frase se tornou bem conhecida e frequentemente vemos paródias dela por aí. Mas ele simplesmente estava querendo dizer que essa era a coisa mais básica que não podia ser negada. Isso lhe dava firmeza para começar a construir um sistema de pensamento confiável. Do “Penso, logo existo” Descartes pulou para o “Penso, logo Deus existe”. Descartes dizia: “Eu não teria a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita”¹³. Logo, a existência de Deus era necessária para explicar a existência da ideia da perfeição e a existência da própria pessoa. Nesse sentido, Descartes se colocou alinhado com os filósofos e teólogos clássicos. Ao longo da história, quase todos os que tentaram negar a existência de Deus precisaram lutar contra essa lógica cartesiana.

De acordo com o racionalismo cartesiano, o homem tinha ideias inatas a respeito da divindade, e isso produziu reações na Europa, e uma das maiores foi a do inglês John Locke (1632-1704). Locke seguiu a linha racionalista como Descartes, mas percebendo falhas e inconsistências no pensamento cartesiano, duvidou da capacidade intuitiva do ser humano para conseguir adquirir o conhecimento. Locke dizia que o ser humano nasce como uma “tábula rasa”, ou seja, sem nenhuma ideia inata, e tudo o que adquire é durante a vida, pelas experiências. Locke entendia

que a ideia da existência de Deus não era algo inato no ser humano; ao contrário, o homem pensa na existência de Deus pela análise das coisas existentes. Locke entendeu que a existência de Deus era necessária, pois algo precisava existir desde toda a eternidade, ou então nada existiria; porém, ele colocou a existência de Deus dentro do campo das experiências e assim a tornou mais difícil de ser afirmada. Já não era uma ideia em si. Era algo que carecia de comprovação.

A discussão entre Descartes e Locke levou outro importante filósofo daquele período a trabalhar sobre esta questão: David Hume (1711-1776). Ele simplesmente levou a abordagem empírica de Locke às profundezas do ceticismo. Se a ideia de Deus precisava ser comprovada pela razão e pela experiência, uma vez que isso era impossível de fazer, então, somente restava a dúvida. O verdadeiro conhecimento, se existisse, estaria simplesmente além das capacidades humanas. Assim sendo, a ignorância podia ser convertida num tipo de mérito¹⁴.

O ceticismo de Hume despertou de seu sono dogmático aquele que seria considerado por muitos o maior filósofo dos tempos modernos, Emmanuel Kant (1724-1804).

Kant se tornou o divisor de águas da filosofia moderna. Ele entendeu corretamente que o empirismo cético de Hume impossibilitava o conhecimento verdadeiro, e ele não acreditava que a limitação do conhecimento humano exigisse uma rejeição cética de todos os conceitos metafísicos (sobrenaturais)¹⁵. Para evitar isso,

¹³ René Descartes, *Meditações*, III, 22 (pp. 115-116).

¹⁴ Ver David Hume, *Investigação sobre o entendimento humano*, IV, 2 (pp. 140-141).

¹⁵ Grenz & Olson, *A teologia do século vinte*, p. 28.



fez distinção entre os mundos fenomenal e numenal. Disse que somente podíamos conhecer os fenômenos, ou seja, aquilo que se apresenta aos sentidos, pois a esfera do nùmeno, que seria o sobrenatural, era impossível de ser conhecida. Deus, para Kant, ficava no campo numenal; logo, não poderia realmente ser conhecido. Embora Kant acreditasse na existência de Deus, sua filosofia tornou a existência de Deus algo demasiado vago e inverificável. Ela ficou conhecida como Agnosticismo Metafísico (negação da possibilidade do conhecimento das coisas não físicas).

¹⁶ J. Calvino, *Institutas*, 1.2.1.

¹⁷ J. Calvino, *Institutas*, 1.2.1.

¹⁸ J. I. Packer, *Nunca perca a esperança*, p. 105.

Assim, a “evolução” da filosofia redirecionou o seu alvo da metafísica (sobrenatural) para a natureza. As ideias sobrenaturais deviam ser deixadas de lado, seja porque não existia o sobrenatural, ou porque era impossível analisá-lo.

EVIDÊNCIAS CLARAS, PORÉM NEGADAS

O ceticismo, ou o agnosticismo se tornou a filosofia de vida de muitas pessoas, especialmente no período moderno. Mas o cético não tem uma vida fácil. Há um imenso testemunho diante dos olhos humanos que tem de ser ignorado para que uma pessoa rejeite a ideia da existência de Deus e do mundo sobrenatural.

Há no ser humano uma espécie de “senso” da existência de Deus. Calvino (1509-1564) chamou isso de *sensus divinitatis*. Ele disse: “Nós afirmamos, sem nenhuma discussão, que os homens têm certo sentimento da divindade em si mesmos; e isso, como por um instinto natural”¹⁶.

Por causa disso, os seres humanos sempre conservam certa “semente da religião” (*semen religiones*)¹⁷, e não conseguem viver sem ela.

A negação do sobrenatural é uma negação de um conceito íntimo. E é também a negação de uma “voz” exterior. O salmista afirmou: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo” (Sl 19.1-4). Essa sonora voz da natureza ecoa no ser humano, pois seus sentimentos mais íntimos anelam pela existência de Deus. O ateu, seja ele racionalista, cético ou agnóstico passa a vida inteira lutando contra isso, tentando silenciar os apelos íntimos do seu ser e fechando os olhos e os ouvidos ao que a natureza proclama.

O ceticismo, de certo modo, é uma decisão existencial. Um cético é sempre alguém que se recusa a crer nas evidências. Packer está certo, “o ceticismo nunca é uma atitude a ser admirada. Ele sempre tem algo de deliberado”¹⁸. Na maioria das vezes, o cético está magoado com alguma situação da vida e isso o leva a negar o aspecto sobrenatural, e outras ele está tão preconceituosamente convicto de que não é verdade aquilo em que ele não quer acreditar, que nada consegue fazê-lo ver o contrário.

O ceticismo e o agnosticismo funcionam bem na teoria, mas são terríveis na prática.



tica. Eles destroem o sentido da existência. Não sobram ideais no ceticismo e no agnosticismo. Por isso eles preparam o caminho para o existencialismo do mundo pós-moderno. E quando as pessoas se cansam do existencialismo, só sobra o niilismo. O niilismo é o filho natural do existencialismo. No existencialismo o homem deixou de acreditar no sentido da vida, então passou a aproveitar a vida desesperadamente, como sendo tudo o que lhe resta. O niilismo entendeu que se não há sentido na vida, não há o que se aproveitar. Por isso só restou o protesto e depois de algum tempo o nada (nihil em latim).

A não-existência de uma vida além da morte, e a não-existência de um Deus justo capaz de julgar todos os atos das pessoas tornaria a vida atual algo totalmente desprezível da perspectiva da moral e da justiça. Seriam bem-aventurados aqueles que vivem sem nenhuma lei, exceto a de satisfazer suas paixões e apetites, pois jamais haveria algum julgamento pelo que fizeram. Tolos seriam os que desejam viver uma vida sóbria e equilibrada, pois jamais receberiam algo por esse esforço. A ordem presente de todas as coisas se tornaria irrelevante, animalésca e desprovida de todo sentido. A educação, a religião e a própria sociedade como um todo, passariam a ser elementos da conveniência, desprovidos de validade intrínseca, aprisionadores, condicionadores e ilusórios.¹⁹

CONFIANÇA INGÊNUA

O fim do século 19 e o início do século 20 viram surgir uma geração de pensadores humanistas descrentes em relação a Deus

e ao sobrenatural, mas muito otimistas em relação ao que o ser humano podia e devia construir por si mesmo. Isso se demonstrou um otimismo ingênuo.

Bertrand Russel (1872-1970) é um caso bem típico do pensamento que foi herdeiro do ceticismo e do agnosticismo. Seu discurso “Porque não sou cristão”, proferido em 6 de março de 1927, tornou-se um dos marcos do humanismo secular, e um claro exemplo do ingênuo otimismo dos modernistas. Russel pretendeu oferecer explicações convincentes sobre a sua descrença no Cristianismo e sobre sua expectativa de que a ciência traria o progresso e a paz de que a humanidade tanto precisava.

O grande esforço de Russel foi o de desfazer os argumentos (naturais) filosóficos a respeito da existência de Deus, mas o que ele fez, na verdade, foi genericamente atacar os argumentos da teologia natural, alguns já bem antiquados naquele tempo.

A força dos argumentos de Russel não está nos questionamentos bíblicos ou teológicos, os quais são bem superficiais, mas na consciência dos males produzidos pela igreja ao longo da História. Ele acusou a religião de retardar o progresso da sociedade pelo uso do medo e de fazer muito mal ao ser humano. Esse é o verdadeiro motivo pelo qual ele rejeitou o Cristianismo. Mas, se ele fosse honesto, teria que rejeitar a ciência por razões parecidas, pois querendo “libertar” o homem ela também causou muitos males à humanidade.

Embora tenha sido totalmente cético em

¹⁹Ver Leandro Lima, *Razão da esperança*, p. 562.



relação à religião, Russel se demonstrou infantilmente crédulo em relação à ciência, pois acreditava que o homem conseguiria, mediante o progresso tecnológico e filosófico, construir uma sociedade decente sem precisar de “ajuda do alto”. Nesse sentido, suas palavras finais são muito esclarecedoras:

A ciência pode nos ensinar, e penso que também os nossos corações podem fazê-lo, a não mais procurar apoios imaginários, a não mais inventar aliados no céu, mas a contar antes com os nossos próprios esforços aqui embaixo para tornar este mundo um lugar adequado para viver (...)

Toda a concepção de Deus é uma concepção derivada dos antigos despotismos orientais. É uma concepção inteiramente indigna de homens livres. (...) Um mundo bom necessita de conhecimento, bondade e coragem; (...) Necessita de esperança para o futuro, e não passar o tempo todo voltado para trás, para um passado morto, que, assim o confiamos, será ultrapassado em muito pelo futuro que a nossa inteligência pode criar.²⁰

Ao que parece, ele não conseguiu (ou não queria) ver que o progresso humano pode trazer males e desgraças. No entendimento de Russel, o ser humano se basta e pode fazer coisas muito boas por si mesmo e pelo mundo. Mas será que o mundo tem realmente melhorado desde que o homem procurou se livrar da ideia da existência de Deus? O progresso científico melhorou o ser humano? As guerras diminuíram? A fome e as doenças retrocederam? O egoísmo e o narcisismo recuaram?

De modo geral, o que Russel fez foi atirar em alvos fáceis e irreais²¹, e ainda assim conseguiu errar feio o alvo. Ele não ofereceu qualquer resposta à altura da religião bíblica e fugiu completamente ao confronto com esta, mas demonstrou uma fé inabalável, ainda que ingênua, na ciência e no progresso humano.

CONCLUSÃO

Deus existe! “Não há outra resposta possível”²². Podemos ter a certeza de que nossa fé bíblica é absolutamente racional. A vida tem sentido, porque Deus existe. Por esta razão, “Deus, e somente Deus é o maior bem do homem”²³. A existência dele é a garantia da racionalidade de nossa própria existência. É a certeza de que a vida tem sentido. Quando o cético ou o ateu para de lutar contra essa verdade, encontra descanso para sua alma cansada.

Há um Deus bom e sábio o suficiente para planejar todo esse universo e estabelecer todas as leis que governam a criação. Nós existimos porque Deus existe. Não é irracional crer na existência dEle. Não é irracional crer nas Escrituras. É maravilhoso contemplar as obras da mão dEle e saber, lá no fundo do nosso ser, que Ele é o grande autor de tudo. Como ao final de uma apresentação podemos nos levantar de pé, ante o imenso palco da natureza e aplaudir o criador pela maravilhosa obra de arte que ele realizou. E acima de tudo, podemos nos sentir como parte desta ordem e propósito. Não somos fruto do acaso. Somos obra das mãos do Ser Infinito e Inteligente que nos criou e nos incluiu em seu plano eterno e perfeito.

²⁰ O texto está disponível em diversos sites na Internet. Em inglês: <http://www.positiveatheism.org/hist/russell0.htm>. Foi publicado pela Brasília Editora, 1977.

²¹ Colin Brown, *Filosofia e fé cristã*, p. 146.

²² Francis Schaeffer, *O Deus Que Se Revela*, p. 52.

²³ Hermann Bavinck, *Teologia Sistemática*, p. 17.

